

VOZES DIVERSAS DIFERENTES SABERES



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXX SIC

15 a 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



Orientador: Carlos Carusto Nunes Camargo Acadêmica: Manoela Farias Nogueira Instituto de Artes- Curso de Artes Visuais

Breves anotações:

O azulejo na tradição portuguesa e na arte brasileira contemporânea

A azulejaria surge na Pensínsula Ibérica por influência dos árabes. No ocidente, a técnica foi simplificada e os padrões pictóricos adaptaram-se ao gosto ocidental. Um impulso para a produção de azulejos surgiu após o Grande Terremoto de Lisboa (1755) quando a reconstrução da cidade impôs um outro ritmo da produção de azulejos de padrão, usados para a decoração dos novos edifícios. Consequentemente à difusão do azulejo em Portugal, durante o processo de colonização a azulejaria portuguesa desembarcou em terras brasileiras. Instalados principalmente nas igrejas os azulejos 'eram um instrumento de reafirmação dos poderes da Igreja Católica e de Portugal sobre o Brasil' (SEREZA, H.)

Alguns artistas brasileiros apropriaram-se da temática da azulejaria para proporem críticas aos métodos da empresa colonial e à violência intrínseca deste processo, a exemplo de Adriana Varejão. As pesquisas desta artista incluem tanto a tradição e métodos próprios da azulejaria (padrões, paleta, queima, desgastes), quanto temas e imagens coloniais. Dentre os temas, o trabalho de Varejão percorre desde as referências dos pintores viajantes, a exemplo de Theodor de Bry e Hans Staden; as cartografias das novas terras; imagens católicas e representações da Inconfidência Mineira. Então a artista 'subverte e reconfigura o repertório de imagens vindas de nossa formação colonial por meio da ficção, apropriação, deslocamento e redimensionamento em sentidos que não são os legítimos'. (ANDREGUETTO, P.) Seus trabalhos apresentam sobre a representação de azulejos toda a carga brutal e genocida que a empresa colonial usou para forjar uma colônia economicamente rentável.



Figura de convite no II óleo sobre tela 200 x 200 cm 1998 Fonte: Sotheby's.com



detalhe de Porposta para uma catequese: Parte I Digtico: Morte e esquarteramento



Porposta para uma catequese: Parte I Digtico: Morte e esquarteramento 14 x 240 1993 Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br

Intervenções urbanas

Contudo, um dos interesses do grupo de Fotocerâmica foram as possíveis intervenções urbanas que se podiam realizar com azulejos, remetendo-o à sua antiga função de comunicação no espaço público.

Um momento de emergência de experiências de arte pública se deu em torno do Edital Rumos 2001. Destaco a presença dos artistas que integravam o coletivo carioca Atrocidades Maravilhosas. No princípio, os integrantes se reuniam para replicar e colar cartazes pelos muros do Rio de Janeiro. Motivados pelas experiências colaborativas, alguns desses artistas passam a fazer ações individuais em pontos específicos da cidade. Um dos trabalhos mais emblemáticos foi quando Duchá invadiu o perímetro de segurança da estátua do Cristo Redentor e posicionou gelatinas vermelhas nos holofotes que iluminam o monumento, numa ação que durou 45 minutos e que chamou de Cristo Vermelho. Esses trabalhos transitavam na ilegalidade para propor ativações impactantes no espaço urbano e, muitas vezes, faziam referência à violência contemporânea das cidades brasileiras, principalmente, a do Rio de Janeiro.

Pixo azulejar

As pesquisas que desenvolvemos incluem a confecção do azulejo, pintura, queima e, mais recentemente, na aplicação fotocerâmica. Um dos trabalhos que desenvolvi durante este percurso foi pixo azulejar, dipticos de azulejos nos quais pinto, segundo a técnica maiólica, figuras de ratos ornamentados com padrões da azulejaria portuguesa. Faço referência, na técnica e na cor azul, à tradição portuguesa, todavia a imagem do rato relaciona-se com um animal que simboliza a ruína, o desgaste, a peste. Após a queima, levo esses azulejos para o espaço público e cimento-os em muros, fachadas e praças da cidade, comenando o estado decadente e, muitas vezes, corrupto de instituições e do espaço público brasileiro.

O nome desse trabalho, *pixo azulejar*, mistura a nobre técnica do azulejo colonial com esta ação da pichação que ocorre à revelia da lei. Até o momento decalquei cerca de 20 dessas peças nas cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre. No decorrer do tempo, acompanho outras interferências urbanas que se relacionam com o entorno, ou seja, outras pichações, decalques, interferências e, por vezes, a supressão dos azulejos.



Catedral Metropolitana de Porto Alegre/ RS Foto: Manoela Cavalinho, 2017



Subida do Curvelo, com interferências prévias (Artigo Constitucional) e posteriores (pixa) RJ Fotos à dir.: Manoela Cavalinho e à esq.: Henrique Cadore



Largo das Neves/ RJ Foto: Manoela Cavalinho

Referências

- ANDREGUETTO, Priscila Beatriz Alvez. *A visceral azulejaria de Adriana Varejão*. São Paulo: UNESP, 2015
PINHEIRO, Paula Moura. *Uma breve história da azulejaria portuguesa*. Em: <http://ensina.rtp.pt>, 2004
SCHWARCZ, Lilian e VAREJÃO, Adriana. *Pérola imperfeita: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
SEREZA, Haroldo C. *Azulejos no Brasil contam história portuguesa*. Folha de São Paulo, 03 de maio de 1999
VOEGLER, Alexandre; DUARTE, Ronald; DUCHA. *Entrevista com integrantes do Atrocidades Maravilhosas realizada no ateliê de Ronald Duarte* concedida a Felipe Scovino e Felipe Barbosa. Em: www.alexandrevoegler.com, 2009